

Petista recomeça na fábrica

São Paulo — Assim como fez há sete meses, quando deu início à maratona de comícios pelo País, o candidato do PT à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, subiu ontem às 5h20 em um caminhão de som estacionado no portão da Volkswagen e, diante de cerca de 8 mil dos 12 mil operários horistas que chegam diariamente de ônibus naquele horário, no pátio de estacionamento, reiniciou sua campanha eleitoral.

Falando para a “peãozada”, uma das formas que mais gosta de usar na campanha, e diferente do candidato cansado e quase sem voz que penava nos últimos comícios do primeiro turno, Lula exibiu ontem o mesmo vigor que o impulsionou nos últimos meses e fez com que ele cumprisse um estafante roteiro de campanha.

“Agora, ele está abastecido de combustível para a arrancada”, dizia o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Vicente Paulo da Silva, um dos escudeiros de Lula na região industrial do ABC, ao ver o seu candidato, ao final do primeiro discurso do dia, cercado por mais de uma dezena de fãs em busca de um autógrafo. Era o próprio Vicentinho, por sinal, que se encarregava de transmitir aos operários um recado eleitoral que funcionava quase que como uma missão de guerra. “Companheirada, quem tiver parente

no Norte e no Nordeste tem de mandar carta para lá, pedindo para o pessoal votar no Lula”, recomendava.

A solicitação foi repetida, minutos depois, quando o candidato petista, agora na porta da Scania, preparava-se para subir em outro caminhão de som e falar a cerca de 600 empregados da empresa. Em tom duro, Lula procurava sintetizar para os operários o que ele imagina ser a essência de sua disputa no segundo turno com o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello. “Agora, são dos candidatos, o dos que produzem o pão e o dois que vivem à custa desse trabalho”, inflamava-se Lula. “Será a disputa do menino que nasceu no agreste com o menino que nasceu em berço de ouro”.

Ainda não havia amanhecido quando o candidato do PT na porta da Volkswagen, ensaiava uma preocupação que repetiria em outros dois discursos ao longo da manhã. “Estão espalhando por aí que nós vamos acabar com as igrejas dos crentes, mas todos precisam saber que nós sempre defendemos a liberdade religiosa”, explicava Lula. O que poderia parecer uma explicação fora de propósito ganhava sentido, quando se conhecia a sua origem. Sindicalistas da região relataram a Lula, alarmados, que começava a correr a notícia que o candidato do PT, assim que tomasse posse, acabaria com os cultos protestantes no País.